



## A INTEGRAÇÃO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA: RESULTADOS DE UMA PESQUISA-AÇÃO

Maríndia Mattos Morisso – Universidade Federal de Santa Maria –  
[marindiamorisso@gmail.com](mailto:marindiamorisso@gmail.com)

Tairone Girardon de Vargas – Universidade Federal de Santa Maria –  
[tairone\\_vargas@hotmail.com](mailto:tairone_vargas@hotmail.com)

Elena Maria Mallmann – Universidade Federal de Santa Maria –  
[elena.ufsm@gmail.com](mailto:elena.ufsm@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho apresenta os desafios e as potencialidades da integração de tecnologias educacionais na prática pedagógica do componente curricular de Educação Física no ensino médio de uma escola pública. Para isso, desenvolvemos uma pesquisa-ação, que consistiu em um processo cíclico de ação-reflexão-ação. Os instrumentos utilizados foram a observação participante e a entrevista semiestruturada. A partir de então, interpretamos que a integração das tecnologias educacionais na prática pedagógica da Educação Física oferece contribuições para o processo ensino-aprendizagem. As tecnologias proporcionam maior interação entre professor-aluno e aluno-aluno em tarefas que são realizadas em ambientes virtuais, motiva os alunos a participar de forma colaborativa de atividades em grupo e possibilita maior produção de conhecimento sobre a cultura corporal de movimento tanto pelos alunos quanto pela professora. No entanto, observamos que esse movimento sofre interferência de alguns fatores que dificultam o melhor aproveitamento dos recursos como: baixa fluência tecnológica, tecnologias que não funcionam e pouco tempo para a professora interagir.

**Palavras-chave:** Educação Física; Tecnologias Educacionais; Pesquisa-Ação.

## THE INTEGRATION OF EDUCATIONAL TECHNOLOGIES IN THE CLASSES OF PHYSICAL EDUCATION OF HIGH SCHOOL IN A PUBLIC SCHOOL: RESULTS OF AN ACTION RESEARCH

**Abstract:** This paper presents the challenges and potentialities of the integration of educational technologies in the pedagogical practice of the Physical Education curriculum component in the high school of a public school. For this, we developed an action research, which consisted of a cyclical process of action-reflection-action. The instruments used were participant observation and semi-structured interview. From then on we interpret that the integration of educational technologies in the pedagogical practice of Physical Education offers contributions to the teaching-learning process. The technologies provide greater interaction between teacher-student and student-student in tasks that are carried out in virtual environments, motivates the students to participate in a collaborative way of group activities and enables greater production of knowledge about the body culture of movement both by students and by the teacher. However, we observe that this movement is interfered with by some factors that hinder the best use of resources such as: low technological fluency, technologies that do not work and little time for the teacher to interact.

**Keywords:** Physical Education; Educational Technologies; Action Research.

## 1. Introdução

A busca de estratégias para integrar as tecnologias educacionais nas aulas de Educação Física coloca em discussão os problemas que ela enfrenta para se legitimar enquanto componente curricular que possui conhecimento. Desde os anos 80, quando ocorreu o movimento renovador que questionou as influências que sustentavam a Educação Física escolar na época, a área esteve entre o “não mais e o ainda não”, ou seja, “entre uma prática docente na qual não se acredita mais, e outra que ainda se tem dificuldades de pensar e desenvolver” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009). Mesmo assim, ao longo dos anos, políticas públicas contribuíram para o reconhecimento da Educação Física como componente curricular e não mais como uma simples atividade. Esses documentos destacaram que o objeto de estudo da área era a cultura corporal de movimento.

Segundo González e Fraga (2009) tanto na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96 quanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) pode-se observar que buscar apenas o desenvolvimento da aptidão física dos alunos não era a função da Educação Física na escola. Os autores destacam que a finalidade do componente curricular conforme os dois documentos era “levar os estudantes a experimentarem, conhecerem e apreciarem diferentes práticas corporais sistematizadas, compreendendo-as como produções culturais dinâmicas, diversificadas e contraditórias” (p. 113). Nesse mesmo contexto, atualmente está sendo discutida no Brasil a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que reforça a ideia de que a Educação Física na escola deve “oferecer uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, adolescentes, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural” (BRASIL, 2016, p.102). No documento, os conhecimentos apresentados para a Educação Física são as práticas corporais organizadas conforme as manifestações da cultura corporal de movimento: brincadeiras e jogos, danças, esportes, ginásticas, lutas e práticas corporais de aventura.

Diante dessas orientações, Ferreira e Darido (2014) observam que para integrar as tecnologias educacionais nas aulas de Educação Física se faz necessária a existência de um planejamento, caso contrário, elas seriam apenas um aparato a mais. Segundo Dambros e Oliveira (2016, p. 22) é importante “romper com as ideias de prática desvinculada da reflexão e distante dos objetivos educacionais da escola e enfrentar os desafios da Educação Física no contexto da transformação tecnológica pelo qual passa a Educação”. Nesse sentido, Junior (2015, p. 07) sugere que “O professor de Educação Física [utilize do] AVA para complementar a construção do conhecimento e [o] desenvolvimento de variados temas da área com seus alunos, possibilitando a ampliação das discussões realizadas nas aulas presenciais de EF na escola”. Assim, a intervenção docente durante o desenvolvimento de produções dos alunos *online* contribui para a aprendizagem sendo as tecnologias facilitadoras desse processo.

Nesse sentido, Monereo e Pozo (2010, p. 110) ressaltam que para as tecnologias oferecerem alguma contribuição para os sujeitos é importante que ocorra “uma intervenção educacional que permita uma análise explícita das restrições e regras implícitas que as próprias TIC impõem”. Portanto, cabe ao professor não valorizar somente o instrumento, mas sim preocupar-se com a aprendizagem dos discentes (MAURI; ONRUBIA 2010). Assim, acreditamos que tanto o professor quanto os estudantes precisam visualizar a ferramenta e a atividade como um espaço de aprendizagem diferenciado, usufruindo das potencialidades que ela oferece de comunicação e colaboração. Para isso é importante ser fluente nas tecnologias disponíveis, pois os resultados positivos para esta experiência dependem de um

envolvimento conjunto dos sujeitos colaboradores (MALLMANN; SCHNEIDER; MAZZARDO, 2013).

Diante do contexto apresentado, destacamos neste trabalho, o segundo ciclo de uma pesquisa-ação realizada desde 2013 no mesmo local. Durante o longo período de estudo foi desenvolvida uma (re)formulação na Educação Física do ensino médio com a colaboração da professora participante. Foram definidos temas e subtemas que seriam trabalhados ao longo dos três anos e planejadas unidades didáticas. A partir de então, o último desafio foi integrar as tecnologias no planejamento existente proporcionando para a docente um espaço para a reflexão da sua prática. Assim, destacamos aqui, o recorte de uma dissertação de mestrado em que dialogamos sobre os desafios e as potencialidades da integração de tecnologias educacionais na prática pedagógica do componente curricular de Educação Física no ensino médio de uma escola pública (MORISSO, 2017). De forma específica, neste trabalho realizamos uma análise geral do segundo ciclo da pesquisa-ação, destacando os principais resultados e interpretações sobre as mudanças produzidas.

## 2. Material e métodos

A pesquisa que realizamos é do tipo pesquisa-ação. Segundo Tripp (2005), esse tipo de pesquisa pode ser considerada uma estratégia para ser utilizada por professores e pesquisadores no desenvolvimento de estudos no meio educacional. De forma mais específica, Elliott (1978) destaca que a pesquisa-ação na educação consiste em interpretar e identificar problemas no contexto a ser estudado que podem ser resolvidos de forma colaborativa entre pesquisador e participante. Nesse sentido a pesquisa-ação na educação pode ser caracterizada como um trabalho colaborativo para buscar soluções de problemas relacionados à prática docente.

Na Educação Física Bracht et. al (2002), Betti (2013) e Rufino e Darido (2014) destacam que a pesquisa-ação teve um maior crescimento a partir dos anos 80. Conforme os autores, a demora ocorreu devido ao processo de amadurecimento da área, pois, antes disso as pesquisas eram voltadas para subáreas da medicina esportiva e da fisiologia (BRACHT et. al, 2002). Desse modo, a pesquisa-ação na Educação Física passou a ser utilizada quando as preocupações em relação ao componente curricular foram direcionadas para a área pedagógica e sociocultural (RUFINO; DARIDO, 2014). Nesse período também se percebeu a necessidade de refletir sobre a prática docente que era desenvolvida, questionando as influências que a sustentavam.

Conforme já apresentado, a pesquisa-ação que realizamos foi um segundo ciclo que teve como desafio proporcionar para a professora colaboradora um espaço de reflexão sobre a atual prática, questionando o planejamento em andamento e possibilitando a integração das tecnologias educacionais. Este ciclo teve quatro etapas: Etapa 01 – observação (reconhecimento do problema); Etapa 02 – reflexão e planejamento para melhoria e inovação da prática pedagógica; Etapa 03 – implementação do planejamento e observação; Etapa 04 – avaliação das mudanças. Interpretamos que esse processo foi complementar ao anterior porque no primeiro momento o desafio foi elaborar uma proposta curricular até então inexistente, por isso, somente agora foi possível refletir e realizar novas mudanças.

A produção dos dados da pesquisa ocorreu no 2º semestre de 2016 e para isso foram utilizados dois instrumentos: a observação participante e a entrevista semiestruturada com a professora colaboradora. A observação ocorreu no acompanhamento do planejamento (16 encontros realizados com a professora) e nas aulas de Educação Física (14 encontros na turma 122 – 2º ano do ensino médio). A

entrevista foi dividida em quatro etapas e foi realizada em dois dias diferentes – 1º dia: planejamento/desenvolvimento de unidades didáticas e reconhecimento, 2º dia: integração das tecnologias educacionais no planejamento e na prática pedagógica. Toda a conversa foi gravada e posteriormente transcrita.

### 3. Resultados e discussão

Integrar as tecnologias educacionais no contexto da pesquisa-ação que realizamos proporcionou contribuições para os participantes e reflexões sobre a temática na Educação Física. Nosso propósito era investigar as potencialidades dos recursos para a prática pedagógica, dentro disso, as contribuições e as dificuldades de integração no processo ensino-aprendizagem. O movimento proporcionou resultados que possibilitaram avaliar as possibilidades de integrar tecnologias nas aulas de Educação Física do ensino médio e os fatores que interferiam no desenvolvimento do trabalho.

De forma geral ressaltamos que a existência de um planejamento contribuiu para que as tecnologias pudessem ser integradas nas aulas. Ao longo do trabalho discutimos o quanto isso é importante para a Educação Física, pois não é comum encontrarmos nas escolas um programa de conteúdos organizados e unidades didáticas elaboradas. Entendemos que nesse sentido o ciclo anterior da pesquisa-ação produziu importantes mudanças no contexto, possibilitando a continuidade da investigação.

Nesse novo movimento de mudanças, revisamos 05 unidades didáticas: Danças Gaúchas (1º, 2º e 3º ano), Voleibol (1º ano), Futsal e Voleibol (2º ano) e Bocha (3º ano). Com as alterações do planejamento os alunos foram desafiados a realizar atividades integrando as tecnologias educacionais de acordo com os conteúdos trabalhados em cada tema. A intenção era de que os recursos contribuíssem com o processo ensino-aprendizagem, colaborando com o desenvolvimento de produções e com a interação entre professor-aluno e aluno-aluno.

Na unidade didática de Danças Gaúchas as turmas do 1º ano elaboraram um texto dissertativo sobre os ritmos que trabalharam (Vanera, Vanerão e Xote) e compartilharam em um grupo da turma na rede social que utilizavam. Já as turmas de 2º ano desenvolveram uma produção de trabalhos de pesquisa sobre o tema no Google Apresentação. Divididos em grupos os alunos estudaram sobre os ritmos que praticaram durante as aulas da unidade: Bugio, Rancheira e Valsa, além disso, falaram sobre as diferenças da cultura gaúcha de antigamente e da atualidade. Nesta atividade os alunos puderam trabalhar no mesmo espaço, ao mesmo tempo, apesar de estarem distantes. Por fim, no 3º ano, a unidade didática de Danças Gaúchas foi marcada por uma produção textual dissertativa sobre as experiências anteriores e as expectativas com a unidade para o ano de 2016. Em uma pasta compartilhada no Google Drive os alunos tinham a sua disposição documentos com seus nomes onde puderam escrever os seus textos. Nessa fase do projeto não foram programadas atividades integradas com outros componentes curriculares. A interdisciplinaridade pode ser uma alternativa para continuidade das pesquisas de modo a consolidar a integração das tecnologias na educação básica.

Observamos que produções como estas poderiam ser realizadas em qualquer espaço, manuscritas em folhas e entregues a professora, por exemplo. No entanto, optamos pelo ambiente virtual para que a docente pudesse acompanhar a produção dos alunos e os alunos a dos colegas. Interpretamos que este tipo de atividade proporcionou interação e autonomia. A interação, segundo Scorsolini-Comin (2014), tem um importante papel na transformação e libertação do homem, pois aproxima realidades

distintas, promovendo a socialização dos sujeitos, assim, no momento em que ocorre uma interação, pode ocorrer também a aprendizagem. Nesse sentido, podemos observar que a aprendizagem dos alunos nesta atividade pode ser potencializada no momento em que compartilharam suas escritas com os colegas, pois mostraram seu trabalho para outras pessoas, além do professor. Observamos que assim, foram mais críticos com a sua produção, já que de certa forma estavam sendo avaliados por outros alunos, além disso, o fato de poderem acompanhar a produção dos colegas motivou a realização de bons trabalhos.

Outro tipo de atividade que realizamos integrando as tecnologias educacionais foi a produção de vídeos em grupos. Na unidade didática de Voleibol no 1º ano os alunos fizeram vídeos explicando e executando os fundamentos técnicos do esporte conforme a Federação Internacional (Ofensivo: Saque, Levantamento e Ataque; Defensivo: Recepção, Bloqueio e Defesa). Já as turmas do 2º ano elaboraram vídeos explicando os sistemas de jogo no Futsal (2x2, 4x0, 2x1x1, 1x3, 1x2x1, Goleiro Linha) com figuras ou com a filmagem dos próprios alunos realizando as funções em quadra. De acordo com Vargas, Rocha e Freire (2007, p. 02) “Apesar de ser geralmente associada ao lazer e entretenimento a produção de vídeos digitais pode ser utilizada como atividade de ensino e aprendizagem com vasto potencial educacional ainda a ser explorado”. Nas duas atividades realizadas observamos que a necessidade de colaboração de todos os alunos dos grupos para a produção de vídeos contribuiu para a melhor compreensão dos conteúdos, fator que mais tarde pode ser visto na prática dos esportes.

Na unidade didática de Voleibol as turmas do 2º ano tiveram a tarefa de escrever um memorial, relatando como foram as aulas de Educação Física sobre o esporte até o momento. Para essa escrita, criamos uma pasta compartilhada no Google Drive com o nome de cada aluno. O envolvimento dos discentes nesta atividade não foi satisfatório como nas anteriores, pois como estava no final do ano letivo restaram poucas aulas para a professora acompanhar. Os alunos que concluíram a tarefa estavam preocupados exclusivamente com a nota. Essa situação mostra que é importante a unidade didática disponibilizar de tempo para a realização das tarefas, mesmo que mediadas por tecnologias.

Para a unidade de Bocha trabalhada no 3º ano disponibilizamos aos alunos um espaço com seus nomes para produzirem apresentações na ferramenta. O trabalho consistia em entrevistar uma pessoa da comunidade que praticasse a Bocha e acompanhar um jogo em uma cancha, observando as regras, a prática para competir ou para lazer, além do envolvimento da mulher naquele ambiente. Esta atividade em particular teve a intenção de motivar os alunos a produzir uma pesquisa, ir atrás das respostas, falar com pessoas, conhecer lugares e registrar usando da tecnologia que estava em suas mãos, o *smartphone*.

Segundo Scorsolini-Comin (2014) podemos interpretar que para a mediação tecnológica potencializar a autonomia é importante que os educandos não sejam incentivados a apenas “acessar” informações e sim, “convidados a construir não discursos totalmente inéditos [...] mas que dialoguem com a produção existente e promovam rupturas, inovações e novos arranjos”, ou seja, que a partir da mediação tecnológica os estudantes sejam desafiados a “ver, sentir, refletir e construir” (CATAPAN; FIALHO, s/d). Mesmo assim, observamos que os alunos tiveram dificuldades para produzir as informações, pois, apesar de terem entrevistado uma pessoa, conforme a solicitação, buscaram imagens e informações complementares na *internet*, deixando de vivenciar a experiência de estar no espaço em que se pratica a bocha e elaborar todo o conteúdo do trabalho.

No Quanto 1 apresentamos uma síntese das unidades didáticas que sofreram mudanças para integrar as tecnologias. Ressaltamos que todas as atividades foram elaboradas juntamente com a professora colaboradora, buscando promover contribuições no processo de ensino aprendizagem.

Quadro 1 – Atividades integrando as tecnologias nas unidades didáticas

<b>Turma</b>	<b>Período</b>	<b>Unidade Didática</b>	<b>Integração das Tecnologias Educacionais</b>
<b>1º ano</b>	Agosto - Setembro	Danças Gaúchas	Postagem de texto dissertativo sobre os ritmos estudados no grupo da turma em uma rede social.
	Outubro - Novembro	Voleibol	Produção de vídeos sobre os fundamentos da modalidade.
<b>2º ano</b>	Agosto - Setembro	Danças Gaúchas	Elaboração de trabalho de pesquisa no Google Apresentação sobre os ritmos estudados.
	Outubro	Futsal	Produção de vídeos sobre sistemas de jogo.
	Novembro	Voleibol	Escrita de memorial no Google Docs sobre sua trajetória no Voleibol.
<b>3º ano</b>	Agosto - Setembro	Danças Gaúchas	Produção de texto dissertativo no Google Docs sobre as experiências com as Danças Gaúchas no ensino médio.
	Outubro - Novembro	Bocha	Organização no Google Apresentação dos dados de uma entrevista com um praticante de Bocha da comunidade.

Fonte: Os autores

Algumas dificuldades foram enfrentadas pela professora colaboradora ao integrar as tecnologias educacionais na prática pedagógica (Figura 1). A primeira estava relacionada à baixa fluência tecnológica. De acordo com Schneider (2011, p. 82) “Ser fluente tecnologicamente significa conhecer e apropriar-se das ferramentas educacionais, seus princípios e aplicabilidade em diferentes situações”. Muitas vezes, percebemos que a professora não conseguia utilizar da tecnologia se não fosse possível exatamente da forma como aprendeu, não podendo usufruir do recurso frente a um imprevisto. Nesse sentido, é importante considerar que na fluência tecnológica é fundamental ter a “capacidade de produzir informações e transformá-las em conhecimento, ou seja, conteúdos, passando da condição de usuário para a de autor e coautor” (MALLMANN; SCHNEIDER; MAZZARDO, 2013, p. 03), portanto, compreendemos que isto é algo que ainda precisa ser desenvolvido com a professora colaboradora.

A segunda dificuldade foi trabalhar com as tecnologias que não funcionam, principalmente a internet, isso interferia no desenvolvimento do planejamento e como a fluência tecnológica era baixa, ficava difícil buscar alternativas para minimizar o problema. Já a terceira era o pouco tempo que a professora tinha para interagir com os alunos nos ambientes virtuais. Em momentos porque ela tinha outros afazeres ou porque os alunos realizavam as atividades apenas na véspera do prazo se encerrar.

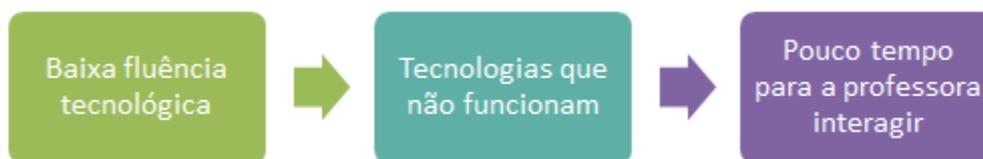


Figura 1 – Dificuldades para integrar as tecnologias educacionais nas aulas de Educação Física

Segundo Junior (2015), o fato de os professores não saberem utilizar as tecnologias e enfrentarem dificuldades para integrá-las aos conteúdos pode estar relacionado a limitação dos recursos na escola. O autor comenta que “O professor, de certa forma, limita-se a apenas planejar e organizar suas aulas por meios e auxílios tecnológicos como computadores, internet e programas digitais [...]” e que para isso é comum “[...] o agendamento e revezamento pelos professores para utilização de aparelhos e ambientes simples como retro projetor, laboratório de informática e aparelhos de áudio e vídeo em geral, como videocassetes e aparelho DVD” (p. 04). Essas situações ocorrem na escola em que realizamos a pesquisa, a presença das tecnologias nas aulas exige uma preparação especial e isso não garante que ela vai funcionar.

Mesmo assim podemos observar contribuições das tecnologias para a prática pedagógica conforme apresentamos na Figura 2.

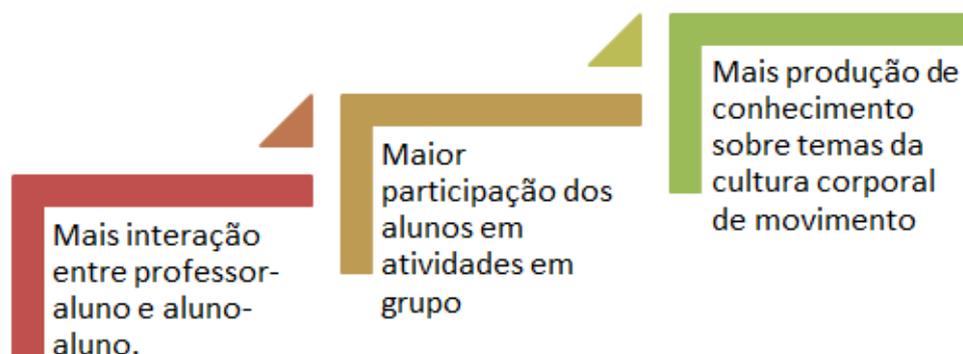


Figura 2 – Contribuições das tecnologias educacionais para a prática pedagógica

Acreditamos que apesar da interação entre professor-aluno e aluno-aluno ter sido limitada, ela ocorreu e proporcionou um novo formato de ensinar e aprender. Foi uma experiência diferente que pode ser melhorada a partir da realização de outras atividades. Por outro lado observamos importantes contribuições da produção de vídeos para os trabalhos em grupo, pois todos os alunos se envolveram e a consequência disso foi a melhora na aprendizagem, fator observado pela professora colaboradora. Além disso, interpretamos que os alunos também colaboraram de alguma forma com a produção de

conhecimentos para a área, pois foram instigados a investigar, analisar e escrever, sendo autores de importantes produções nas unidades didáticas de Danças Gaúchas e Bocha.

Portanto analisamos que apesar dos desafios que a Educação Física nesta escola ainda precisa superar com relação à integração das tecnologias educacionais já obtivemos importantes avanços. Esse foi o segundo ciclo da pesquisa-ação e produziu mudanças em relação ao primeiro, assim, compreendemos que a continuidade desse movimento pode proporcionar novas interpretações e novos problemas podem ser discutidos. Além disso, estamos contribuindo com a produção de conhecimento sobre a temática para a Educação Física, o que é necessário, pois ainda temos poucas interpretações sobre o assunto.

#### 4. Conclusões

A Educação Física é um componente curricular com dificuldades para ser reconhecido por possuir conhecimento que possibilita a utilização de diferentes metodologias de ensino. No contexto estudado, o desenvolvimento de uma pesquisa-ação proporcionou uma nova interpretação sobre a importância da cultura corporal de movimento para os alunos do ensino médio. A organização de um programa que define temas e subtemas para serem estudados nos três anos da última etapa da educação básica mostrou aos sujeitos deste local uma imagem da Educação Física diferente da que construíram ao longo de suas vidas escolares.

Diante dessa condição analisamos que integrar as tecnologias educacionais na prática pedagógica da Educação Física é possível, porém, a existência de um planejamento para o componente curricular é fundamental. A utilização dos recursos precisa ir além de uma simples instrumentalização, afinal sua função é colaborar com o processo ensino-aprendizagem. O fato de que as tecnologias se fazem cada vez mais presentes na vida das pessoas confirma a necessidade de que precisamos compreender as melhores formas para utilizá-las a nosso favor.

A partir dos dados produzidos na pesquisa interpretamos que a integração das tecnologias educacionais na prática pedagógica da Educação Física oferece contribuições para o processo ensino-aprendizagem. De forma específica identificamos que as tecnologias proporcionam maior interação entre professor-aluno e aluno-aluno em tarefas que são realizadas em ambientes virtuais, motiva os alunos a participar de forma colaborativa de atividades em grupo e possibilita uma maior produção de conhecimento sobre a cultura corporal de movimento tanto pelos alunos quanto pela professora.

No entanto, observamos que esse movimento sofre interferência de alguns fatores que dificultam um melhor aproveitamento dos recursos. A baixa fluência tecnológica de professores e alunos é um desses fatores, pois ambos enfrentam dificuldades para explorar as tecnologias de diferentes formas para melhor aproveitá-las. O segundo fator está relacionado às tecnologias que não funcionam, pois, na escola apesar de se ter a disposição diferentes recursos, muitas vezes não é possível utilizá-los, principalmente a internet, o que compromete o desenvolvimento do trabalho. Por fim o terceiro fator é o pouco tempo de interação que a professora tem para mediar os trabalhos produzidos pelos alunos, em alguns momentos porque o número de aulas é reduzido devido a realização de atividades no mesmo horário, em outros momentos porque os alunos realizam as tarefas na véspera do prazo se encerrar.

Os dados produzidos durante a realização desta pesquisa possibilitaram interpretar que integrar as tecnologias educacionais nas aulas de Educação Física pode ser considerado um movimento inovador, nesse sentido, compreendemos que enquanto

pesquisa-ação produzimos uma importante mudança. Sabemos que a professora participante do estudo vai seguir integrando as tecnologias nas aulas conforme planejamos. Porém, a inovação somente terá continuidade se a docente conseguir redes de colaboração em que ela sinta-se reconhecida e reconheça os demais envolvidos também.

Nesse sentido com relação à fluência tecnológica analisamos que para ser mais desenvolvida é importante que a professora tenha autonomia para praticar e se permitir arriscar para fazer diferente. A colaboração pode motivá-la, por isso acreditamos que a capacitação é fundamental. Ter a oportunidade de conhecer novos *softwares* e funcionalidades pode aprimorar o seu conhecimento, despertando o interesse de criar novas formas de interação. Esse movimento também pode ser importante para ajudar a professora a organizar os materiais que produziu para as aulas e que estão armazenados no seu computador e na nuvem. Além disso, tem o desafio de aproveitar as produções dos alunos para além da avaliação.

### Agradecimentos

À CAPES pela concessão da bolsa para o desenvolvimento desta pesquisa.

### Referências

- BETTI, M. **Educação Física Escolar: ensino e pesquisa-ação**. 2 ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. – 344 p. – (Coleção educação física).
- BRACHT, V. et. al. A prática pedagógica em Educação Física: a mudança a partir da pesquisa-ação. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 9-29, jan. 2002. Disponível em < <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/267/250>> Acesso em: 08 set. 2016.
- BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República – Casa Civil – Subchefia de Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 1996. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)> Acesso em: 08 set. 2016.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC / SEF, 1998. 114 p. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2015.
- \_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular**. 2016. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 06 mar. 2017.
- CATAPAN, A. H.; FIALHO, F. A. **Autonomia e Sensibilidade na Rede: Uma Proposta Metodológica**. Universidade Federal de Santa Catarina - Pós-Graduação em Engenharia de Produção no Centro Tecnológico, s/d, Florianópolis/SC.
- DAMBROS, D. D; OLIVEIRA, A. M. Tecnologias da Informação e Comunicação e Educação Física: currículo, pesquisa e proposta pedagógica. **Educação, Formação & Tecnologias**, 9 (1), 16-28 [Online], Disponível em: < <http://eft.educom.pt>> Acesso em: 20 de mai. 2017.
- ELLIOTT, J. **What is Action-Research in Schools?** Journal of Curriculum Studies. Vol.10, nº4: 3357, 1978.
- JUNIOR, A. F. P. C. As Tecnologias nas aulas de Educação Física escolar. XIX COMBRACE. VI CONICE. 2015. Vitória-ES. Disponível em: < <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrance2015/6conice/paper/viewPDFInterstitial/7740/3831>> . Acesso em: 20 de mai. 2017.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF Escolar I. In: **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v. 1, p. 9-24, set. 2009. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/929/539>> Acesso em: 08 set. 2016.

\_\_\_\_\_.; FRAGA, A. B. Referencial Curricular de Educação Física. In: RIO GRANDE DO SUL/Secretaria de Estado da Educação/Departamento Pedagógico. **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias / Secretaria de Estado da Educação**. Porto Alegre: SE/DP, 2009, v. 2. p. 113-181.

FERREIRA, A. F.; DARIDO, S. C. Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (Org.). **Dicionário Crítico de educação física** – 3. ed. rev. e ampl. P. 629-633 – Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

MALLMANN, E. M. SCHNEIDER, D. R; MAZZARDO, M. D. Fluência Tecnológico-Pedagógica (FTP) dos Tutores. **CINTED-UFRGS – Novas Tecnologias na Educação**. V. 11 Nº 3, dezembro, 2013.

MAURI, T. ONRUBIA, J. O professor em ambientes virtuais: condições, perfil e competências. In: COLL, César; MONEREO, Carles. (Org). Tradução: Naila Freitas. **Psicologia da Educação Virtual: Aprender e Ensinar com as Tecnologias da Informação e Comunicação** – Porto Alegre: Artmed, 2010.

MONEREO, C. POZO, J. I. O aluno em ambientes virtuais: condições, perfil e competências. In: COLL, César; MONEREO, Carles. (Org). Tradução: Naila Freitas. **Psicologia da Educação Virtual: Aprender e Ensinar com as Tecnologias da Informação e Comunicação** – Porto Alegre: Artmed, 2010.

MORISSO, M. M. **A integração das tecnologias educacionais na prática pedagógica do componente curricular de Educação Física no ensino médio de uma escola pública**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2017. 179 p. Dissertação de Mestrado.

RUFINO, L. G. B; DARIDO, S. C. Pesquisa-ação e Educação Física escolar: Analisando o estado da arte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 01-294, jan./mar. 2014. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/18521/16401>> Acesso em: 10 ago. 2016.

SCHNEIDER, D. R. **Prática Dialógico-Problematizadora dos Tutores na UAB/UFSM: Fluência Tecnológica no Moodle**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011. 185f. Dissertação de Mestrado.

SCORSOLINI-COMIN, F. Diálogo e dialogismo em Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: contribuições para a educação a distância. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.30, n.03, p.245-265. Julho-Setembro 2014.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2015.